

CAPÍTULOS DA HISTÓRIA DO ECLETISMO NA ARQUITETURA GARANHUENSE: A CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO (1859)

CHAPTERS FROM HISTORY OF ECLETISM IN ARCHITECTURE GARANHUNS CITY:
THE CATHEDRAL OF SANTO ANTONIO (1859)

CAPÍTULOS DE LA HISTORIA DEL ECLECTICISMO EN LA ARQUITECTURA GARANHUENSE:
LA CATEDRAL DE SANTO ANTÓNIO (1859)

FERREIRA, CLEYTON JOSÉ DE SOUSA

Mestre em História, ICOMOS (Brasil), profcjf@gmail.com

RESUMO

A arquitetura eclética surge na cidade de Garanhuns/PE por volta da segunda metade do século XIX, como indicativo da forte influência pequeno burguesa neste recorte urbano. Neste artigo, exploraremos as origens e as características de um dos principais exemplares da arquitetura eclética garanhuense: a Catedral de Santo Antônio; destacando sua importância em seu contexto de produção e a influência que exerce até os dias atuais. Os aspectos materiais históricos do ecletismo, como suas características histórico-arquitetônicas, serão o objeto de análise no presente artigo. Serão discutidas como principais características do processo de desenvolvimento urbanístico de Garanhuns e estão presentes na história desta arquitetura eclética. Sua implementação extensa, plural, marcada pela mistura de elementos de diferentes estilos, épocas e Países será estudada através de uma análise detalhada, comparativa e crítica; buscando compreender como esta arquitetura eclética se tornou um estilo marcante e controverso, desafiando as convenções e a uniformidade arquitetônica contemporânea e do seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: História, Ecletismo, Arquitetura.

ABSTRACT

Eclectic architecture emerged in the city of Garanhuns/PE around the second half of the 19th century, as an indication of the strong petty-bourgeois influence in this urban area. In this article, we will explore the origins and characteristics of one of the main examples of eclectic architecture in Garanhuns: the Cathedral of Santo Antônio; highlighting its importance in its production context and the influence it exerts to this day. The historical material aspects of eclecticism, such as its historical-architectural characteristics, will be the object of analysis in this article. They will be discussed as the main characteristics of Garanhuns' urban development process and are present in the history of this eclectic architecture. Its extensive, plural implementation, marked by a mixture of elements from different styles, eras and countries, will be studied through a detailed, comparative and critical analysis; seeking to understand how this eclectic architecture became a striking and controversial style, challenging the conventions and uniformity of contemporary architecture and its time.

KEYWORDS: History, Ecletism, Architecture.

RESUMEN

La arquitectura eclética surgió en la ciudad de Garanhuns, Pernambuco, en torno a la segunda mitad del siglo XIX, como muestra de la fuerte influencia pequeño burguesa en esta zona urbana. En este artículo, exploraremos los orígenes y las características de uno de los principales ejemplos de arquitectura eclética en Garanhuns: la Catedral de Santo Antônio; destacando su importancia en su contexto de producción y la influencia que ejerce hasta nuestros días. En este artículo se analizarán los aspectos históricos materiales del eclecticismo, como sus características histórico-arquitetónicas. Se discutirán como las principales características del proceso de desarrollo urbano de Garanhuns y están presentes en la historia de esta arquitectura eclética. Su amplia y plural implantación, marcada por la mezcla de elementos de diferentes estilos, épocas y países, se estudiará a través de un análisis detallado, comparativo y crítico; buscando comprender cómo esta arquitectura eclética se convirtió en un estilo llamativo y controvertido, desafiando las convenciones y la uniformidad de la arquitectura contemporánea y de su época.

PALABRAS CLAVE: Historia; Eclecticismo; Arquitectura.

INTRODUÇÃO

O objeto deste artigo é estudar o ecletismo na arquitetura da mais antiga Igreja urbana garanhuesa, edificada na segunda metade do século XIX, num momento de transição para a principal cidade do agreste meridional de Pernambuco. A Igreja Matriz de Santo Antônio, é uma das arquiteturas ecléticas de indissociável relação com a História da Vila de Santo Antônio de Garanhuns e, posteriormente, com o Município de Garanhuns; sendo, portanto, o mais longevo templo neste recorte urbano e uma de suas fontes históricas mais importantes.

As primeiras expressões do ecletismo na paisagem urbana garanhuesa surgem anteriormente à sua elevação da condição de Vila (1811) para Cidade/Município (1879). Portanto, estava presente numa estrutura urbana apequenada, quando esta localidade de poucos habitantes, distante 238km da Capital da Província de Pernambuco (Recife) ainda era um arruado de 8 (oito) logradouros e uma feira. Esta linguagem arquitetônica está diretamente ligada a história da cidade, um dos recursos mnemônicos imprescindíveis à historiografia e o urbanismo local; pois sua implementação e desenvolvimento é impulsionada por um projeto de renovação em sua capacidade produtiva. Um movimento que ensejou a adoção de uma nova estrutura administrativa, econômica e social.

Atualmente Garanhuns é uma das principais cidades do Agreste Meridional de Pernambuco, na mesorregião do Estado composta de 26 municípios, sendo um polo Comercial, Econômico e Cultural desde a sua fundação em 1879. Conhecida nacionalmente como “Suíça Pernambucana”, cantada em verso e prosa por artistas como Luiz Gonzaga e o Quinteto Violado; Garanhuns é o município que congrega outros 12 municípios que estão em seu entorno. Sendo o principal polo econômico, educacional, saúde e de segurança pública (os dois principais batalhões militares do agreste meridional estão situados na cidade: 9º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco e 71º Batalhão de Infantaria Motorizado)

O Município, conforme informações do IBGE (2024), possui mais de 140 mil habitantes, distribuídos em 14 (quatorze) bairros: Aloisio Pinto, Boa Vista, Dom Hélder Câmara, Dom Thiago Postma, Francisco Simão dos Santos Figueira, Heliópolis, José Maria Dourado, Magano, Novo Heliópolis, Santo Antônio, São José, Severiano Morais Filho e o mais recente: Dom Irineu Roque Scherer; e 3 (três) distritos: Iratama, Miracica, São Pedro; e mais algumas localidades na área rural bastante habitadas, como os 6 (seis) Quilombos: Castainho, Estivas, Timbó, Estrela, Tigre e Caluête.

A nomenclatura de “Suíça Pernambucana” lhe foi atribuída por volta dos anos 50 do Século XX, no entanto, esta comparação com Países Europeus, existe desde o século XIX; e consta no discurso que a eleva a Município, proferido pelo Deputado Silvino Guilherme de Barros, o Barão de Nazaré em 1878. Sua condição de cidade serrana ocupando um espaço privilegiado no Planalto da Borborema, estando 896 metros acima do nível do mar, lhe confere um clima agradável a maior parte do ano; mesmo na estação seca, seu clima mediano é de 22-25 graus.

Esta referência climática é reivindicada pelos setores do turismo local, e amplamente lembrada por quem a visita. Ainda no século XIX este aspecto foi usado para divulgá-la como uma cidade de “características europeias”; o que atraiu turistas, comerciantes e imigrantes europeus que trouxeram, dentre outras coisas, a influência da arquitetura eclética que compôs/compõe a paisagem deste centro urbano.

A metodologia para esta produção científica é inspirada por arquitetos e urbanistas como Geraldo Gomes Serra e Historiadores da cultura material como Pedro Paulo Funari. Suas ponderações sobre as estratégias adotadas para pesquisas neste recorte particular do Patrimônio Arquitetônico, instigam os pesquisadores a estabelecer um caminho flexível, porém, cuidadosamente planejado entre os métodos e as fontes de disponíveis.

Geraldo Gomes Serra esclarece que questões poderão surgir durante o método de desenvolvimento proposto, necessitando que a pesquisa esteja aberta para novas, futuras inserções ou modificações para melhor corresponder a cientificidade da produção. Pedro Paulo Funari, por sua vez, faz um debate importante sobre a utilização intercorrente de fontes, sugerindo uma heterodoxia metodológica ao abordar as questões e objetos pertinentes ao trabalho de pesquisa desenvolvido pelo historiador durante a produção científica.

Portanto, para se construir um trabalho de pesquisa que objetive abordar de maneira eficaz os temas escolhidos, o pesquisador deve refletir teoricamente sobre os métodos e as fontes. Não obstante, é preciso evitar o encerramento da possibilidade de adequação no que consiste ao escopo da pesquisa. O Historiador Materialista sabe disso, há uma miríade de informações e dados que poderão ser ignorados em seus estudos; seja de maneira inconsciente ou não.

É sobre estes ecos emudecidos do passado que repousam as fontes para novas interpretações da história, bem como, estão as limitações que podem incidir sobre o trabalho do historiador. Um fenômeno que pode ser consciente, admitindo a própria limitação do método ou dos modelos de trabalhos a serem respeitados.

O trabalho dos escritores, historiadores, geógrafos e memorialistas de Garanhuns serão revisitados neste processo, para levantamento de fontes secundárias. Bem como, matérias publicadas nos jornais e outros periódicos – como blogs e sites - podem servir de subsídio para esta produção. Metodologicamente, lançar mão destes recursos faz parte de uma estratégia de investigação historiográfica; é o ponto de partida, mas, o estudo não se encerra com ela.

Nas fontes primárias, a composição de uma iconografia comparativa entre as imagens da Igreja e seu entorno entre o século XX e os dias atuais, fará parte do método de análise das transformações que este espaço em torno do Templo sofreu através dos anos. Podendo servir de base para eventuais prognósticos acerca dos caminhos (ou descaminhos) que pode estar a arquitetura histórica desta cidade e seus espaços urbanos.

Do ponto de vista social, este artigo alia-se ao interesse renovado dos Historiadores garanhuneses em ampliar os estudos sobre a cidade. Partindo das produções de escritores e memorialistas, porém utilizando um método científico de análise histórica. Contribuindo assim para uma maior aproximação entre saberes populares e os acadêmicos. Não obstante, esta é uma contribuição para a sociedade que poderá utilizar como referência para novas pesquisas no campo da história, geografia, arquitetura e urbanismo.

Por outro lado, há o interesse pessoal de aprofundar o conhecimento sobre a cidade que habito, estudo e admiro; e para a qual tenho dedicado meus esforços de problematizar, compreender e explica-la. Contribuindo, intelectualmente, com os meus conterrâneos e outros estudiosos de áreas de conhecimento correlatas.

No mundo, o capitalismo ganhava força a partir do progresso entre os meios de comunicação, transportes e relações comerciais; e com isso, as cidades se transformavam em polos econômicos, políticos e sociais. A arquitetura eclética no interior das províncias se expressava como um amálgama entre as referências arquitetônicas herdadas das casas de engenho e fazendas de criação, com as expressões arquitetônicas de outros Países; recém descobertas pelo processo colonização.

Em Garanhuns não foi diferente, o ecletismo se tornou uma tendência arquitetônica que ganhou significativas proporções a partir da presença da circulação de mercadorias, serviços e pessoas vindas da Europa; inseridas numa lógica de edificação herdada do período colonial brasileiro. Embora esta mescla de culturas tenha produzido uma ruptura estética com o passado escravista, manteve o campo e a aristocracia rural como os grandes mantenedores da cidade; seja na dependência das metrópoles ou na posse de terra e dos meios de produção.

Algumas dessas contradições serão exploradas no presente artigo, ressaltando que a análise histórico-arquitetônica presente neste estudo terão como objeto central a Igreja Matriz de Santo Antônio e o espaço urbano construído em seu entorno durante o final do século XIX e o século XX.

DESENVOLVIMENTO

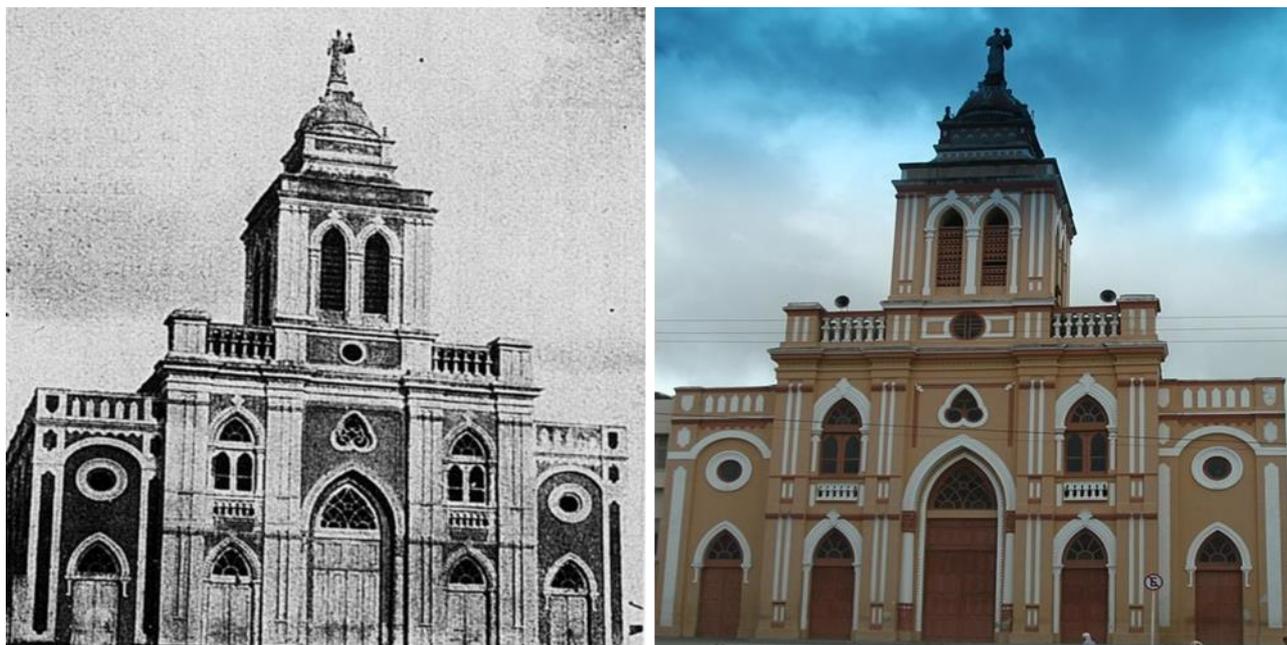
1. Ecletismo garanhunense, origens históricas.

A cidade de Garanhuns, no interior de Pernambuco, possui um dos melhores acervos arquitetônicos de edificações ecléticas preservados em sua paisagem urbana. Uma dentre este conjunto de edificações históricas é o objeto de estudo neste artigo a Igreja Matriz, Catedral de Santo Antônio. Esta edificação e sua relação com a história municipal são elementos indissociáveis da memória da localidade e imprescindíveis para o aprofundamento da compreensão do seu desenvolvimento enquanto município polo do agreste meridional.

Outros exemplares desta arquitetura estão situados nos bairros mais antigos da cidade como os Bairros Santo Antônio (centro), Boa Vista e Heliópolis; estas residências, prédios comerciais, e igrejas foram produzidos/as entre o período que marca o término do século XIX e o início do século XX. Sob influência da mesma tendência arquitetônica (ecletismo) estabelecida na Capital do Estado de Pernambuco, Recife, cidade que Garanhuns mantinha vínculos comerciais, políticos e culturais.

Uma das primeiras expressões deste ecletismo garanhunense surge quando a localidade ainda é uma modesta, porém próspera Vila de agricultores do Agreste Meridional da Província de Pernambuco. Trata-se da Igreja de Santo Antônio, Matriz da Diocese e centro da religiosidade Católica Apostólica Romana no Agreste até os dias atuais. Esta Igreja é um marco do crescimento urbano municipal e sua trajetória acompanha as transformações ocorridas no núcleo citadino entre o período evidenciado. Os eventos que guardam relações com sua presença serão destacados no decorrer do presente artigo.

FIGURA 1 : Catedral de Santo Antônio 1924 (esquerda) - 2023 (direita).



Fonte: Acervo Iba Mendes, Acervo Pessoal: Cleyton José de Sousa Ferreira (2023).

Os registros sugerem que esta edificação foi construída entre os anos de 1856-1859, quando a localidade ainda estava sob a classificação de Vila de Santo Antônio de Garanhuns, período que vai de 1811 a 1879. Por ser uma das edificações mais antiga em linguagem eclética e possivelmente a que está em melhor estado de preservação, iniciaremos por ela as observações referentes a implementação do ecletismo em Garanhuns e seu desenvolvimento; como parte de um processo histórico de expansão urbana da cidade.

A biblioteca online do IBGE traz a seguinte descrição técnica sobre esta edificação:

A Catedral de Santo Antônio foi, oficialmente, o primeiro Templo Católico erguido em Garanhuns. Datada de 1859, a construção foi restaurada em 1872. Sua fachada tem cinco portas em madeira, com arcaduras e elementos decorativos em massa. Há duas janelas à altura do coro, dois óculos com vitrais, e torre quadrangular com um campanário. No alto fica a imagem de Santo Antônio, esculpida em concreto por João Bina, artista da cidade de Quipapá, em Pernambuco (IBGE, 2024).

Vale destacar dois aspectos fundamentais nesse processo, o primeiro deles é o trabalho do artista quipapaense *João Bina*, sua obra se mantém no alto da maior edificação religiosa da cidade de Garanhuns, 165 (cento e sessenta e cinco) anos após sua produção. No entanto, pouco se sabe sobre o artista na região; mesmo entre seus conterrâneos historiadores este personagem não é muito conhecido, o que é uma pena.

O segundo é que o fenômeno de urbanização da Vila de Garanhuns que enseja a linguagem eclética em sua paisagem urbana, ganha proporções com a repercussão da construção desta Igreja Matriz, apesar de não iniciar com ela. A Igreja é um dos edifícios mais antigo neste recorte urbano, porém, sua linguagem eclética provavelmente foi adotada em uma reforma ocorrida no final do século XIX, como veremos adiante.

Aparentemente, os lotes de terreno para edificações em torno dos Templos passam a ser os determinantes da malha urbana pela especulação imobiliária durante o processo de urbanização. Ou seja, a partir destes lotes serão definidas as estruturas dos bairros e ruas. Para o Arquiteto e Historiador Geraldo Gomes:

Os edifícios administrativos e os religiosos eram os marcos definidores do desenho urbano. Depois de construídos, restava conectá-los e daí surgiam os caminhos ao longo dos quais as casas eram erguidas com uma relativa disciplina. As mais que surgiam não acompanhavam as curvas de nível do terreno e as ladeiras eram muito comuns. Esse processo de formação gerava ruas sinuosas (Gomes, 2006, p. 85).

Em Garanhuns, especificamente, o espaço urbano foi desenvolvido a partir de um núcleo de ruas em torno da sua Igreja Matriz, que não seguiam um plano urbanístico projetado pela Administração Pública. E neste recorte espacial, é possível identificar aonde teria sido fundada sua primeira Igreja de Santo Antônio ainda no Século XVIII, não por caso esta área é conhecida como o *Marco Zero*. O Historiador garanhunense Alfredo Leite Cavalcanti escreveu que: *“infelizmente não havia um plano urbanístico para firmamento de ruas e avenidas, as quais formavam margeando os antigos caminhos e cresciam acompanhando as suas sinuosidades”* (Cavalcanti, 1968, p. 35).

FIGURA 02: Espaço Luis Jardim, atual Marco Zero. Ao fundo no centro da Imagem: Agencia do Banco do Brasil (amarelo e azul), endereço da primeira Igreja de Santo Antônio demolida.



Foto: Cleyton José de Sousa Ferreira, 2024.

A primeira Igreja urbana de Garanhuns havia sido construída no Século XVIII e sua edificação não existe mais, todavia, sua localização é presumida pelo Historiador garanhunense Alfredo Leite Cavalcanti em seu livro *História de Garanhuns* (1983):

Tudo indica que o alinhamento da atual avenida Santo Antônio já ultrapassava o local onde estava situada a Matriz da Freguesia, pois o seu Vigário, o Padre Nemésio de São João Gualberto, conforme se lê numa linha cumeeira (sic) da atual Catedral, resolveu construir uma Igreja a fim de substituir a antiga cuja construção teve início em 1856, sendo terminada no ano de 1859. A antiga Matriz foi convertida em capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, continuando a ser dirigida pelo próprio Vigário, ficando abandonada depois do seu falecimento. Com a continuação do tempo, foi, cada vez mais se arruinando até que em 1891 foi demolida e seu material aproveitado na construção de um novo cemitério (Cavalcanti, 1983, p.23).

Cavalcanti observou que na porção urbana mais antiga da cidade, ainda no século XIX, já contava com uma avenida principal que ultrapassava as próprias dimensões originais; indo além dos limites territoriais da Igreja homônima (Santo Antônio). Disto pode se inferir, dentre outras coisas, que a construção da nova Igreja em 1856 visava atender a demanda oriunda de um processo de urbanização e crescimento populacional. A primeira Igreja de Santo Antônio por seu porte apequenado e sua estrutura frágil provavelmente não contemplava mais o público sendo, portanto, substituída por outra de maiores dimensões e melhor estruturada.

Outro destaque na última citação é para o abandono que culminou gradativamente no desabamento da primeira Igreja de Santo Antônio construída. Condição posteriormente ao status de Capela de Nossa Senhora da Conceição, enquanto o Padre Nemésio viveu foi o responsável pela sua manutenção, permanecendo utilizada para

missas e celebrações, preservada, e assim como acontece em outros casos exemplares da arquitetura histórica, com a morte dos seus mantenedores, donos ou arrendatários; entra em abandono e o colapso estrutural que a transforma em ruínas é questão de tempo se nenhuma ação de preservação for adotada.

Vale ressaltar que as instituições religiosas, via de regra, possuem um bom histórico de preservação dos seus Templos e edificações correlacionadas. Porém, como é possível extrair do texto de Cavalcanti (1983), parece não ter havido este cuidado ao longo do tempo; uma exceção neste histórico, mas, confirmando a regra de que o abandono do Patrimônio Arquitetônico pode ser o primeiro estágio do seu desaparecimento.

É possível que por falta de uma compreensão significativa do papel que exercem as edificações históricas numa comunidade, as instituições intelectuais e políticas também possam ter agido de maneira condescendente com os elementos de sua memória em Garanhuns. Sobretudo no que consiste a história do século XIX, período inicial da compreensão de Patrimônio Histórico. Segundo a Historiadora Françoise Choay:

(...) O século XIX atribuirá uma nova importância as antiguidades. O monumento histórico entra então em sua fase de consagração, '1820' (grifo meu), cujo término pode ser fixado por volta da década de 1960 ou, se desejarmos um outro marco simbólico, em 1964, data da redação da Carta de Veneza (Choay, 2017, p.125)

No entanto, ao que tudo indica, atual Igreja Matriz (Catedral) de Santo Antônio apesar de não inaugurar o movimento de implementação e desenvolvimento do ecletismo em Garanhuns, sua história é fundamental no estudo da chegada desta linguagem arquitetônica na localidade. Sua fachada, conforme pode ser observada atualmente, é característica do período altaneiro da linguagem arquitetônica eclética no Brasil. Embora, seja sabido que mudanças estéticas lhe foram impostas, não se sabendo com precisão até que ponto estas transformaram-na de uma, em outra linguagem arquitetônica; a exemplo do que aconteceu com outras edificações ecléticas vizinhas à Igreja garanhuense.

FIGURA 03: Colégio Santa Sofia (1912)



Fotos: à esq.: Revista Ilustração Brasileira, 1924; à dir.: Cleyton José de Sousa Ferreira, 2024.

O surgimento do ecletismo na Europa, marca o processo de transição do Capital do Campo para as Cidades Industriais. Uma das contradições desta mudança é que o capital urbano continuava dependente das produções do campo e que a aristocracia rural passava a integrar a autocracia burguesa urbana, ou seja, os privilégios e o poder continuavam nas mãos dos latifundiários que agora atuavam em duas frentes da produção: cultivo e comércio.

Neste ínterim, o surgimento da burguesia, classe social urbana que, naquilo que compreende ao ecletismo, supostamente visava a ruptura estética e cultural com a aristocracia rural, mas, era outra facção dos negócios. Se fortalecendo como autocracia urbana, disputando/compartilhando espaços, privilégios e poder com a aristocracia de quem era herdeira; diferentemente constituírem uma rivalidade, se tornavam parceiras nos negócios e na política.

No Brasil, abolição da escravidão foi determinada por Decreto Real (1888) após décadas de pressão e de lutas sociais. E diante da necessidade de adotar uma nova relação de trabalho que deveria ser baseada na mão de obra livre, massas de migrantes e ex-escravos se viram obrigados a mudar para os centros urbanos. Neste sentido, o ecletismo garanhuense é mais um marcador da história das experiências indelévels de transição, implementação e desenvolvimento do capitalismo urbano que acontecera nas cidades da Europa e do Brasil.

Segundo o Historiador da Arquitetura, o italiano Luciano Patetta:

O Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava sua qualidade de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do bom gosto (Patetta *apud* Fabris, 1987, p.13).

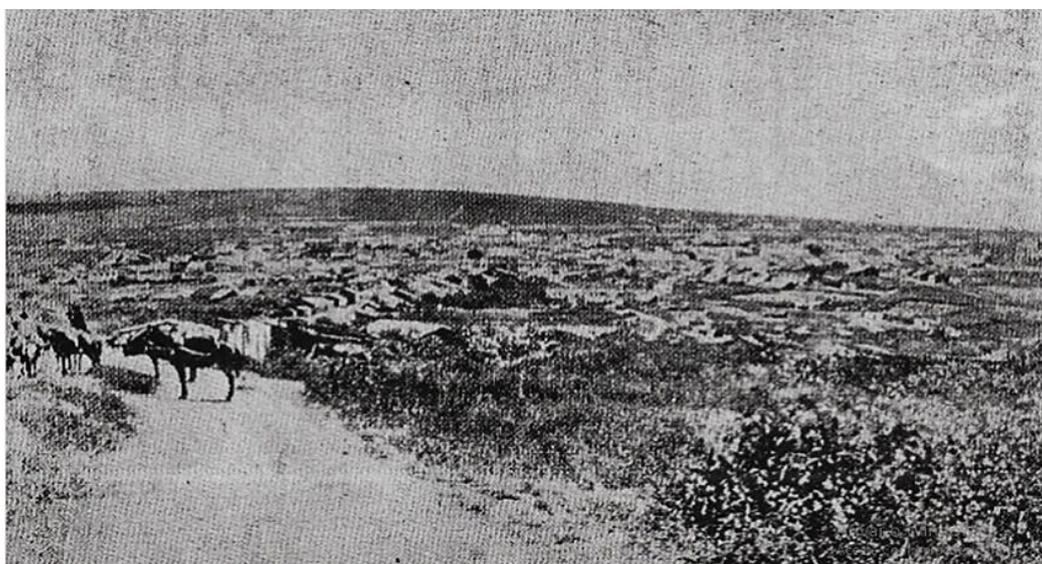
É provável que em Garanhuns durante o processo de migração das populações campesinas de outras localidades, somando-se aos habitantes da sua Vila, provocaria a expansão da quantidade de habitações, logradouros, espaços de convívio social, instituições e da própria paisagem. Não foi coincidência o projeto de edificação da nova Igreja Matriz deste Município. Considerando também (transversalmente a este processo de ampliações) a incorrência de elementos econômicos, políticos e sociais a nível local e nacional que podem ter causado impactos sobre este desenvolvimento.

Portanto, há na cidade em tela uma nítida expansão urbana - embora razoavelmente lenta - observada durante seu período de Vila (1811-1879), com aumento exponencial nas 3 (três) primeiras décadas após a concessão da municipalização. As informações neste aspecto não chegam a ser tão robustas como gostaríamos, porém, como dirá Cavalcanti:

Por falta de dados mais exatos, podemos calcular a lentidão com que se desenvolvia a cidade, tomando por base a existência de 200 casas nas 'quatro ou oito ruas' que compunham a Vila, por ocasião da sua elevação à categoria de cidade em 1879, e ter de elevado este número a 250 construções oito anos mais tarde, quando foi inaugurada a estrada de ferro em 1887. Quando em setembro de 1889 aqui chegamos a cidade já se compunha 17 ruas com cerca (sic) de 500 prédios por nós contados. Também os contamos em 1916 e pela última vez em 1922, tendo constado a existência de 1465 e 2247, respectivamente (Cavalcanti, 1983, p. 36).

Estas edificações ecléticas, exemplares da arquitetura oitocentista, remanescem no centro de Garanhuns e representam um fenômeno daquele período: a transição da condição de Vila para a Cidade. O ecletismo garanhuense é um documento deste período da história urbana, um dos indicativos materiais do seu desenvolvimento, das relações de produção capitalistas na cidade e do imaginário que se criava.

FIGURA 04: Vista panorâmica de Garanhuns, Séc. XIX.



Fonte: Acervo Blog Anchieta Gueiros, 2023.

2. Ecletismo garanhuense no contexto Estadual e Nacional.

O ecletismo na arquitetura pernambucana durante o período em que Garanhuns ainda é uma Vila no interior da Província (1811-1879), já é um fenômeno de bastante expressão. Se consolidou a partir da maior interação cultural, comercial e social entre a capital de Pernambuco (Recife); principal cidade portuária do Estado, e as metrópoles europeias (Lisboa, Madri, Paris, Londres, etc.).

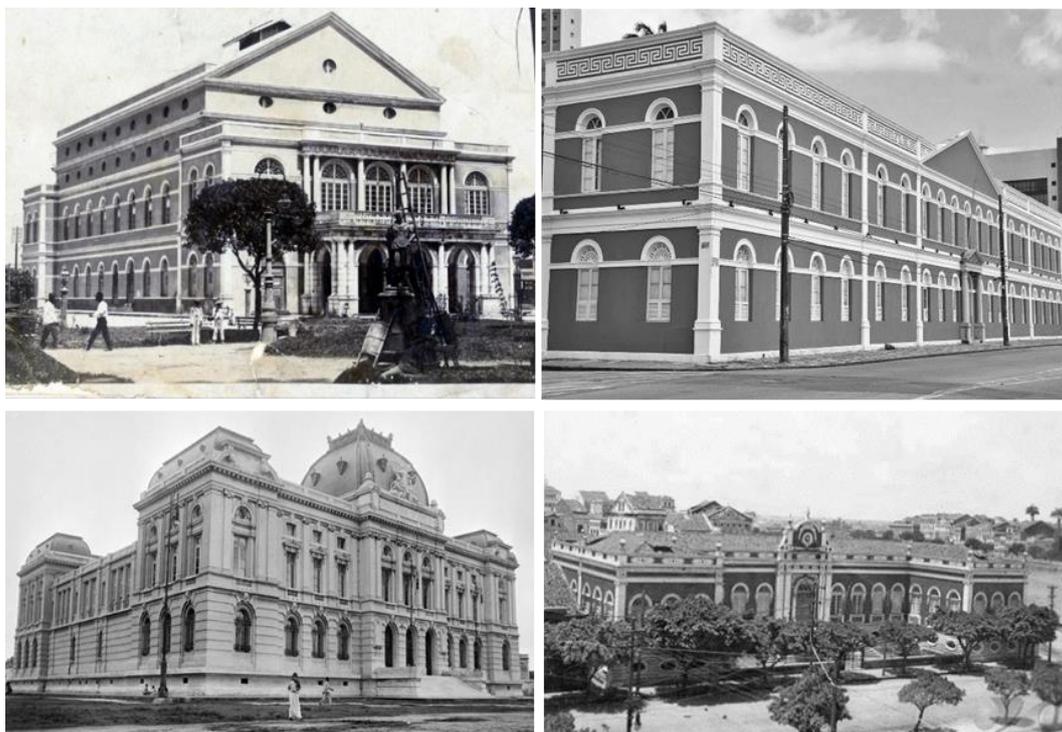
Este movimento arquitetônico, na sua versão pernambucana, figura como parte significativa das renovações estéticas nos centros urbanos, amplamente documentados nos Bairros do Recife a partir do séc. XIX. O aumento das transações comerciais entre o Brasil e a Europa, especialmente exportação de café, algodão e outros produtos agrícolas, favoreciam a importação de bens de consumo; e com eles, a influência cultural que tornou possível o surgimento do ecletismo naquela região litorânea do Nordeste, repercutindo posteriormente para o interior da província.

Sobre os eventos que marcam a experiência do ecletismo nos bairros de cidades portuárias como Recife, Geraldo Gomes da Silva (1987) destaca o incêndio do Teatro Santa Isabel (1869) e sua reforma, como ocorrências que marcam o momento em que esta linguagem arquitetônica ganharia força e se tornaria usual naquela região de Pernambuco, segundo Silva:

O teatro Santa Isabel, de cujo incêndio restaram quase que somente as paredes de alvenaria e tijolos, foi reconstruído recebendo uma estrutura de ferro para suportar os camarotes, frisas e uma estrutura de coberta também de ferro constituídas de tesouras tipo Polonceau. (...) O teatro reinaugurado em 1875, tinha e preserva no seu interior a linguagem eclética. A partir de então essa linguagem passaria a ser comum no Recife (Silva *apud* Fabris, 1987, p.185-186).

Não é difícil inferir que devido as suas dimensões, ornamentos, imponência e beleza, representariam valores de uma classe numa determinada época e lugar. O Teatro Santa Isabel embora tenha influenciado outras edificações de menor porte no interior de Pernambuco no período doravante a sua restauração, deve ter sido, como a maioria dos Teatros do séc. XIX, o espaço das manifestações e celebrações da ideologia burguesa. Por isso o cuidado em restaurá-lo e preservá-lo. E não apenas ele, este Teatro compõe um conjunto com outras edificações ecléticas – demonstradas nas imagens abaixo - de valor inestimável para a História de Pernambuco e do Brasil.

FIGURA(s) 05: Em sentido horário; Teatro Santa Isabel (1850), Ginásio Pernambucano (1866), Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco (1881) e Faculdade de Direito de Pernambuco (1911).



Fonte: Domínio Público, 2024.

Alguns anos antes do processo de municipalização de Garanhuns, os exemplares do ecletismo poderiam ser amplamente vistos pelos bairros da Capital Pernambucana (Recife). Seu surgimento, como é sabido, era parte de um contexto histórico no qual havia uma maior circulação de produtos importados, trabalho especializado e a demanda dos moradores nos bairros daquela cidade. Se Intensificava com as trocas comerciais e se tornavam o aspecto urbanístico marcante das antigas cidades coloniais, em centros reformados pelo comércio, política e cultura. É o que destaca o historiador da arquitetura e arquiteto Geraldo Gomes da Silva:

Neste quadro de desenvolvimento urbano a educação e a cultura não eram descuradas. Assim tivemos o teatro Santa Isabel (1850), o Ginásio Pernambucano (1866), o Liceu de Artes e Ofícios (1881), e por fim um dos mais grandiosos edifícios do Recife, a Faculdade de Direito, em 1911. Projetado pelo arquiteto francês Gustave Varin, grande prêmio de Paris e Roma e pelo engenheiro José Antônio de Almeida Pernambuco, é um monumento à arquitetura eclética (Silva *apud* Fabris, 1987, p. 187).

A repercussão deste movimento vindo do litoral pernambucano na direção o interior do Estado tinha uma complexidade que o dificultava, mas não chegava a impedir sua realização: a distância e dificuldade de locomoção das mercadorias e pessoas neste período. Por acontecerem num ritmo mais lento do que seriam após a inaugurada linha férrea da Great Western Railroad Brazil em Garanhuns (1887), sua implementação acontecia em conformidade com as condições de transporte e comunicações entre o Interior e a Capital do Estado. É o que afirma Alfredo Leite Cavalcanti:

Anteriormente, para o comércio com a praça do Recife, o transporte era feito em costas de animais, cujas tropas levavam seis dias para ali chegarem e outros tantos mais, gastavam os comerciantes para a realização dos negócios, inclusive tratamento dos animais e ainda, outros seis dias para regressarem. Dezoito ou vinte dias para ida e volta de uma tropa de animais quando a distância que separava Garanhuns do Recife pela estrada dos tropeiros, eram de pouco mais de duzentos quilômetros (Cavalcanti, 1968, p. 34).

O aumento do número de edificações ecléticas no espaço urbano de Garanhuns, em certa medida, pode ser atribuído ao aprimoramento das comunicações entre a cidade do interior e a Capital do Estado; mas não é suficiente para explica-lo enquanto fenômeno. É preciso ressaltar que há uma complexa rede de eventos e fatores históricos que oportunizam o surgimento de movimentos específicos como o do ecletismo garanhuense. O Historiador da Arquitetura Luciano Patetta escreveu sobre a materialidade histórica que enseja a implementação do ecletismo, segundo ele:

Se considerarmos decisivos, portanto, os fatores estruturais e supra-estruturais de todo o período, isto é, a consolidação do poder burguês, os rumos tomados pela civilização industrial, o entrelaçamento, na cultura romântica, dos ideais nacionais e de independência com os problemas econômicos da produção em série, etc., parecem-nos realmente desfocadas as tentativas de classificar, rotular, escolher, no seio da experiência linguística global do Ecletismo historicista (Patetta, 1935, p. 12-13).

Houve incentivo a migração para o interior das províncias - a exemplo de Garanhuns - aonde com a recente prática republicana que se instaurava, implementava-se uma maior capilarização política. Ainda que tal aspecto possa ser abundantemente discutível juntamente com as supostas liberdades individuais efetivadas no novo regime.

No entanto, se postas em comparação com a antiga estrutura de sociedade do interior nos latifúndios agropastoris e engenhos açucareiros que utilizavam a mão de obra escrava, realmente havia uma mudança em curso; porém isso não significa que houvera uma ruptura decisiva com a aristocracia rural formada no período colonial. Todavia, as cidades passavam por transformações que se tornaram sintomáticas deste contexto.

Outrossim, o surgimento de uma classe trabalhadora urbana, a mão de obra "livre", fortemente composta por ex-escravos, trabalhadores livres e imigrantes; contribuíam com essa nova perspectiva de moradia e hábitos. O Arquiteto Nestor Goulart Reis Filho afirmou que:

Foi sob a inspiração do ecletismo e com o apoio dos hábitos diferenciados das massas imigradas, que apareceram as primeiras residências urbanas com nova implantação, rompendo com as tradições e exigindo modificações nos tipos de lotes e construções. As formas de uso já não estavam mais largamente apoiadas no sistema servil (Reis Filho, 1978, p.44).

FIGURA 06: Edificações ecléticas no Rio de Janeiro, 2024.



Fonte: à esq.: Olhos de Ver – Patrimônio Histórico Rio de Janeiro, 2022; à dir.: Cantos do Rio, Sergio Araújo, sem data.

Vale destacar que a abertura dos Portos às Nações Amigas (1808) por Decreto Real, facilitou este intercâmbio cultural entre a Colônia e a Metrópole ainda no início do Século XIX. E no processo de trocas comerciais e culturais, as expressões arquitetônicas adotadas pela Europa começaram a repercutir com mais intensidade nas Colônias; ainda que de maneiras diferentes, em ritmos de desiguais, nem sempre com o mesmo grau de adesão; *sui generis*, como é o caso da arquitetura.

Em grande medida por terem, as metrópoles europeias, um processo de desenvolvimento industrial e econômico mais acelerado do que houve nas colônias – devido à política colonial de exploração –, e pela massiva propaganda dos privilégios que usufruíam em revistas, jornais, livros e outros formatos de circulação de notícias e ideias; seu domínio cultural se tornou entre as classes dominantes nas Colônias a referência de “civilização” e “prosperidade”. Conforme escreveu o Arquiteto Geraldo Gomes da Silva: “A Europa foi o referencial cultural essencial do Brasil até o Século XIX. A maior facilidade de comunicação e a dependência econômica do País em relação ao capital industrial europeu engendraram, no século XIX, o servilismo cultural” (Silva *apud* Fabris, 1987, p. 178).

O aumento da disponibilidade de mão de obra e a imigração de profissionais especializados foi fundamental durante este período. A sua atuação nas produções arquitetônicas ecléticas, contam com a cooperação mútua entre arquitetos, construtores, serralheiros, marceneiros, engenheiros e urbanistas trazidos da Europa. Que além de importar os materiais pré-moldados que ainda não eram fabricados em todo o Brasil, começaram a produzir aqui os seus próprios ornamentos. Baseados em seus valores locais e no arcabouço cultural europeu que era reproduzido nas cidades brasileiras; como aconteceu em Recife e Garanhuns, a última por estar sob influência recifense.

Esta dependência comercial e pode indicar porquê houvera um processo tardio de industrialização nas cidades do interior, mantendo por muito tempo sua economia amplamente baseada na estrutura agropecuária e no latifúndio. E porque muitos comerciantes instalados no interior eram também comerciantes consolidados nas Capitais.

Não se sabe o quanto é mera coincidência, a data de edificação da Igreja Matriz de Santo Antônio em Garanhuns (1856-59) diferir poucos anos da construção do Teatro Santa Isabel em Recife (1850) e de outras edificações de semelhante arquitetura eclética. Porém, os relatos dos historiadores e memorialistas garanhunsenses dão conta de que este Templo sofreu reformas descaracterizantes décadas depois de sua inauguração. E o trabalho discricionário dos autores locais registram quais foram as mudanças, dando destaque para seu mandatário e artista escultor. Conforme Alfredo Leite Cavalcanti:

A Igreja Matriz de Santo Antônio de Garanhuns, atual Catedral da Diocese, por iniciativa do, então Juiz de Direito da Comarca, Dr. Joaquim Maurício Wanderley passou por uma reforma que constituiu na demolição e reconstrução de sua fachada principal, cujos trabalhos iniciados em princípios do ano de 1907, tiveram o seu término nos finais do ano 1909, com a escultura da 'Estátua da Imagem de Santo Antônio', que encima o seu campanário. Esta estátua foi esculpida de concreto armado no próprio local onde se encontra, por um curioso chamado João Bina que, para esse fim, veio da cidade de Quipapá (Cavalcanti, 1983, p. 17).

FIGURA 07: Catedral de Santo Antônio, 1920 (esq.) – 2024 (dir.).



Fotos: à Esq. Acervo blog Anchieta Gueiros, 2023; à dir. Cleyton José de Sousa Ferreira, 2024.

3. O eclétismo em meio à disputa pelo espaço urbano garanhuense.

As edificações ecléticas garanhuenses possuem outro aspecto histórico incontornável para entender o processo de desenvolvimento urbano da cidade que elas representariam: é preciso compreendê-las também como parte da cultura material produzida sob a égide das ideologias que disputavam o protagonismo político local.

Os Coronéis, Comerciantes, Religiosos, Educadores, Intelectuais, Profissionais Liberais e outras lideranças das classes dominantes locais construíam bases políticas que se reuniam nessas edificações ecléticas. Apesar de disputarem, ocuparem e indicarem para cargos na política local, todos representavam no período do coronelismo (1889-1930) na cidade de Garanhuns a camada dirigente da sociedade. O que não evitou que houvessem momentos de cizânias, que resultassem em tragédias, como é o caso da Hecatombe de 1917.

Outro exemplo destas disputas locais relatado nos Jornais de circulação nacional é a ação do Governo Estadual em defesa da construção da 1ª Igreja Presbiteriana de Garanhuns (1905), como vemos na imagem a seguir:

FIGURA 08: Recorte do Jornal A Gazeta (SP), 1930.



Fonte: Hemeroteca Nacional Digital, 2024.

Desde a chegada da Missão Presbiteriana estadunidense à Garanhuns por volta de 1890, em meio a um Surto de Varíola, os historiadores e memorialistas notavam, cada um à sua maneira, uma relação litigiosa entre denominações religiosas Católicas Apostólicas Romanas e Protestantes. Segundo Alfredo Vieira, historiador garanhuense autor do livro *Garanhuns do meu tempo* (1981):

'Bode', era o apelido com que chamávamos, antes do ecumenismo, a todos aqueles que não fossem cristãos católicos romanos. A expressão pejorativa tinha em mira significar protestantes, em todas as suas formas: presbiterianos, batistas, adventistas e outros tais, não eram filhos de Deus, nem tampouco podiam pertencer ao rebanho do Senhor, composto de ovelhas, boas em sua maioria, muito embora pudesse ser encontrado, de vez em quando, atrapalhando o rebanho, uma 'ovelha negra'. Os 'bodes', muito embora não pertencessem à Igreja de Deus, falavam todo o tempo, no Cristo e na Bíblia (Vieira, 1981, p. 173).

Estes protestantes também traziam suas expressões arquitetônicas de influência eclética para o centro da cidade de Garanhuns; e disputavam um espaço há muito dominado pelo Catolicismo Apostólico Romano. A missão protestante de denominação presbiteriana que veio dos Estados Unidos, passou a fazer parte do espaço urbano garanhuense trouxe consigo uma visão diferente sobre processos educacionais e culturais, para além da sua arquitetura eclética particular.

Os dois maiores e mais longevos exemplares deste ecletismo são a Primeira Igreja Presbiteriana de Garanhuns (1905) conhecida popularmente como "Igreja Presbiteriana Central" e o Colégio Presbiteriano XV de Novembro (1926).

FIGURA 09: Primeira Igreja Presbiteriana de Garanhuns/PE.



Fotos: à esq. Acervo: Foto Ideal; à dir. Cleyton José de Sousa Ferreira, 2023.

FIGURA 10: Colégio Presbiteriano VX de novembro, Garanhuns/PE.



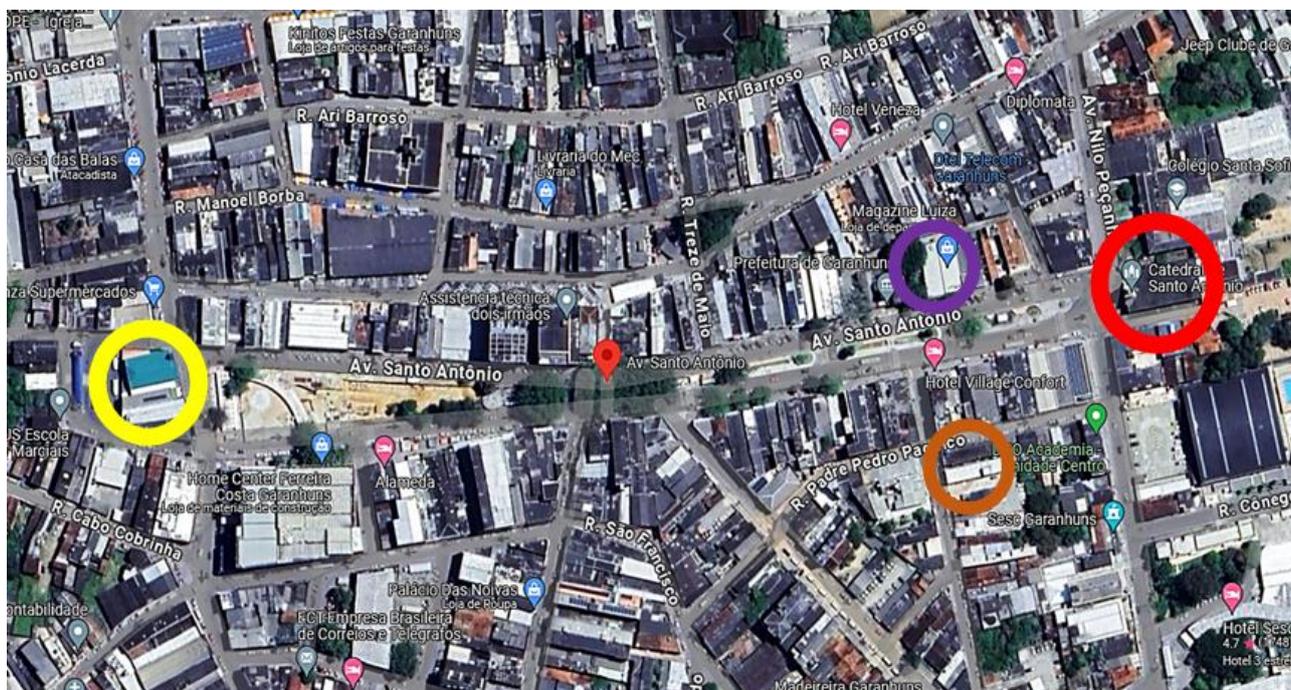
Fotos: à esq. Acervo: Foto Ideal; à dir. Domínio Público.

Apesar destes litígios iniciais as expressões religiosas atualmente convivem em harmonia, cada uma desenvolve suas atividades confessionais compartilhando dos mesmos espaços públicos sem maiores problemas. Algo que parecia improvável naqueles anos iniciais do século XX; como pode ser constatado na matéria do Jornal a Gazeta de São Paulo (p.11).

No entanto, a Igreja Matriz (Catedral) de Santo Antônio e a Primeira Igreja Presbiteriana de Garanhuns (central) continuam a ocupar o núcleo urbano mais antigo e o entorno do marco zero da cidade. Dispostas geograficamente uma em frente a outra, ocupando as cabeceiras da avenida como pode ser visto na imagem abaixo, suas edificações continuam exercendo forte influência no imaginário urbano da cidade.

Uma destas imagens pode ser contemplada em vista aérea do logradouro central (Av. Santo Antônio) ao qual encontram-se dispostas, ambas ocupam as cabeceiras da avenida tendo o atual prédio da Prefeitura (Palácio Celso Galvão) à direita e a Secretaria de Educação municipal à esquerda; em formato cruciforme quase perfeito. Como pode ser visto na imagem a seguir:

FIGURA 11: Disposição das Igrejas Presbiteriana Central (Amarelo) e Matriz de Santo Antônio (Vermelho), o Palácio Celso Galvão (Roxo) e a Secretaria de Educação Municipal (marrom) na Avenida homônima vista do Satélite.



Fonte: Google Maps, 2024

Para o estudo deste desenvolvimento urbano garanhuenso com a presença do ecletismo em sua paisagem, as fotografias são fundamentais. Embora muito dos acervos iconográficos garanhuenso particulares ainda não tenha sido publicado – talvez pelo entendimento acanhado do patrimônio cultural que representam - elas são, indubitavelmente, as primeiras fontes históricas que se elevam à vista do pesquisador garanhuenso quando ele se debruça sobre a história desta cidade. A historiadora Silvana Boone dirá que no caso das fotografias: “Não mais a ideia de instante presente imortalizado, mas a imagem ganha significado, a partir da sua capacidade de repetição e reprodutibilidade” (Boone, 2007, p. 16).

Além, é claro, de todos os depoimentos existentes e registros bibliográficos sobre este movimento, as fotografias produzidas no século XX demonstram como a paisagem urbana, em volta da Igreja de Santo Antônio, mudou durante esses 165 (cento e sessenta e cinco) anos, desde sua inauguração. As imagens a seguir dão uma perspectiva de como o entorno da Igreja Matriz passou a ser amplamente habitado:

FIGURA 12: Vista panorâmica do entorno da Igreja de Santo Antônio, 1940.



Fonte: Acervo Anchieta Gueiros, 2023.

FIGURA 13: Vista panorâmica do entorno da Igreja de Santo Antônio, 1950.



Fonte: Acervo Anchieta Gueiros, 2023.

A diferença no número de edificações construídas em torno da Matriz em menos de 15 (quinze) anos é notável. O bairro de Heliópolis, ao fundo na figura 13, está plenamente estabelecido e, como se nota, adotando novas expressões arquitetônicas.

CONCLUSÃO

Há, portanto, elementos e indícios em torno das edificações ecléticas garanhuenses, a exemplo desta Catedral, que contribuem para compreensão dos processos históricos inerentes ao seu desenvolvimento urbano. Outrossim, fomenta, de maneira introdutória, análises imersivas no sistema político, econômico, social e urbano que adotado naquela localidade em conformidade com o regime republicano. No que consiste à população local, sob a forte influência dos comerciantes, educadores, religiosos, migrantes e imigrantes; ajudavam a moldar esta paisagem urbana com edificações ecléticas e ideais reformados do antigo regime imperial. E seriam igualmente afetados por esta modificação, sendo influenciados por elas dialeticamente.

Sobre as fotografias da Igreja Matriz (Catedral) de Santo Antônio utilizadas como fontes para o método de pesquisa, de maneira geral, o senso comum afirma que elas ocupam o espaço da ilustração do texto; um atrativo imagético que visam tornar aprazível a “leitura tediosa de textos científicos longos e complexos”. No entanto, essa não é a premissa do historiador, pelo menos, desde o advento da Escola dos Annales em 1929; quando passam a ser admitidas outros tipos de registros como fontes históricas, e as fotografias passam a ocupar um papel fundamental no processo de pesquisas historiográficas.

No que consiste a história da cidade de Garanhuns, elas (fotografias) ocupam um papel central na elaboração dos trabalhos de pesquisa; pois tratam-se de registros valiosos dos quais não se pode prescindir impunemente. Estes acervos iconográficos podem ajudar a compreender as relações entre história local e urbanização, e o papel das instituições como as Igrejas neste processo. É nítido que a cidade crescera em número de habitantes e que houvera a necessidade de ampliar os espaços de convergência política e ideológica. E neste sentido, igrejas, escolas, comércios e os meios de transporte desempenharam um papel fundamental para este fim.

A Igreja Matriz (Catedral) de Santo Antônio de Garanhuns pode não ser a pedra fundamental da expressão do ecletismo nesta cidade, mas, ela representa nos dias de hoje um exemplar significativo desta tendência arquitetônica que se popularizou no Brasil desde a chegada da Família Real Portuguesa em 1808. E sua relevância para a história do desenvolvimento urbanístico desta cidade é incontornável, seja para demarcar os espaços geográficos dos primeiros ajuntamentos urbanos os quais norteiam o seu crescimento à posteriori; seja para indicar o espaço das disputas políticas e ideológicas entre os municípios no decorrer da história local.

Este é o marco central do recorte urbano municipal, o entorno da Igreja Matriz; suas ruas, avenidas e praças, bem como, da memória daqueles que testemunharam o desenvolvimento da cidade refletida em suas edificações ecléticas. Das quais, este templo é um dos exemplares preservados e que melhor representa a linguagem arquitetônica que marca o surgimento de uma nova tendência arquitetônica, mas também política, econômica e social: o ecletismo.

Com predisposição para a ruptura com as estruturas sociais que lhes antecederam, no entanto, se utilizando de seus elementos estruturais sociais, tanto para exercer o poder político, como para a resignificação do ato de construir. O estudo do ecletismo garanhuense abre-se para a composição de novos capítulos da história local, tendo a ênfase no espaço e na paisagem citadina como epicentro deste processo.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. **Obras Escolhidas** Vol. 1, 7ª Edição, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

BOONE, Silvana. Fotografia, Memória e Tecnologia. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul/RS, V.6, N.12, p.13-19, julho. 2007.

CANTARELLI, Rodrigo. A documentação da Arquitetura Eclética no acervo da Fundação Joaquim Nabuco. **RCT - Revista de Ciência e Tecnologia**, Edição Especial (2021): Dossiê Documentação do Patrimônio Cultural. P.11.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. Centro de Estudos de História Municipal, Pernambuco 1968.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 6 ed. São Paulo, Ed. UNESP, 2017.

FABRIS, Annateresa. Org. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**, Ed. Nobel/EDUSP, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo apud PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**, 3ª edição, São Paulo, Ed. Contexto, 2015.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**, Ed. Perspectiva, 1970.

SERRA, Geraldo Gomes. **Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo**: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo, Ed. USP: Mandarim, 2006.

_____. *apud* BICCA, Elisabeth Panitz; BICCA, Paulo Renato Silveira (ORG). **A arquitetura na formação do Brasil**. Brasília, UNESCO, 2006.

VIEIRA, Alfredo. **Garanhuns do Meu Tempo**. Recife, Gráfica Recife Ed. 1981

Blogs e Sites:

BARROS, Jose de Anchieta Gueiros Viana de. Disponível em: <http://anchietabarros.blogspot.com.br>

IBGE, 2024.